

## PEDAGOGIA DA FÁBRICA\*

Luzimar de Sousa e Silva \*\*

Em *Pedagogia da Fábrica*, a professora Acácia Zeneida Kuenzer, sistematiza um estudo sobre as relações entre educação e trabalho, tomando como campo de investigação empírica uma fábrica moderna de porte médio.

A finalidade principal da sua investigação é explicar como a fábrica capitalista educa o trabalhador. Baseada em Marx e Engels argumenta: "o homem se educa, se faz homem, na produção e nas relações de produção, através de um processo contraditório em que estão sempre presentes e em confronto, momentos de educação e de deseducação, de qualificação e de desqualificação, e, portanto, de humanização e de desumanização" (p 11).

Neste sentido, defende que a pedagogia capitalista educa o trabalhador para se submeter à dominação exercida pelo capital e educa-o para enfrentar essa dominação. Neste processo contraditório "... os trabalhadores vão aprendendo a se organizar, a reivindicar seus direitos, a desmistificar as ideologias, a dominar o conteúdo do trabalho, a compreender as relações sociais e a função que nelas eles desempenham" (p. 11).

Para a autora, o fundamento da pedagogia do trabalho capitalista está na divisão e heterogestão, características das relações de trabalho no modo de produção capitalista e garantia da dominação do capital sobre o trabalho.

A questão principal em sua análise é entender como, através das relações de trabalho, o trabalhador pode se educar para a superação das relações capitalistas de produção. Para isso, considera como fundamental a qualificação do trabalhador: "... compreendida como aquisição do conteúdo do trabalho desenvolvido pelo capitalismo" (p.15) e imprescindível o desenvolvimento da consciência da classe trabalhadora.

Sua investigação consiste em apreender as dimensões contraditórias da pedagogia do trabalho capitalista, a partir da análise das estratégias administrativas utilizadas pela empresa.

---

KUENZER, A. Z. *Pedagogia da fábrica: as relações de produção e a educação do trabalhador*. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1985.

\*\* Prof.<sup>a</sup> Departamento de Educação – UFRN

As estratégias analisadas foram as seguintes: política de recursos humanos; formas de seleção; formas de divisão e organização do trabalho; treinamento e acompanhamento cotidiano; política salarial; controle do saber; trabalho do assistente social e relações do trabalhador com o supervisor, instrutor e engenheiros.

Como procedimento metodológico utilizou: a observação; a análise de documentos; a entrevista com o Departamento de Relações Industriais, com os profissionais mais ligados à educação do trabalhador—engenheiros, administradores, assistentes sociais, e, ainda, com supervisores, instrutores e operários durante a jornada de trabalho.

Para explicar a heterogestão como fundamento da pedagogia capitalista, evoca os economistas clássicos burgueses que teorizaram acerca da racionalização do processo produtivo, os teóricos da administração, Gramsci sobre a questão da hegemonia e Marx que criticou, através do materialismo histórico, as posições defendidas pelos economistas clássicos.

Baseada na crítica feita por Marx aos economistas burgueses, coloca que a “. . . história da formação do trabalhador no capitalismo é a história de sua desqualificação” (p. 32). E explica a história desta desqualificação retomando a concepção marxista sobre o trabalho e fazendo uma retrospectiva do trabalho da manufatura à fábrica automática.

Relembra que a subsunção real do trabalho ao capital transforma o trabalhador em instrumento do capital, competindo a ele acompanhar o ritmo de trabalho determinado pela máquina. Com este nível de simplificação do trabalho, o trabalhador é desqualificado e pode ser requisitado a trabalhar com qualquer máquina parcial, sendo facilmente substituído por outro trabalhador. A segurança e a estabilidade do trabalho passa a ser uma ameaça constante. Com a indústria moderna concretiza-se a separação entre trabalho intelectual e trabalho manual.

Segundo a autora, a cisão entre trabalho intelectual e trabalho manual determina a existência de duas pedagogias: “. . . uma pedagogia para ensinar a teoria e uma pedagogia para ensinar o conteúdo do trabalho ao trabalhador, como uma forma separada da educação como um todo” (p.47). Pelo caráter fragmentário desta última, o trabalhador não tem acesso ao conhecimento científico. E a superação destas duas pedagogias só se efetivará quando “. . . o desenvolvimento das forças produtivas permitirem a superação da divisão do trabalho, da teoria e da prática, em outro modo de produzir” (p. 48).

Esta questão é recolocada a partir das idéias de Gramsci sobre a hegemonia. Toda relação hegemônica se constitui numa relação pedagógica, iniciando-se na fábrica e se manifestando em todos os setores da sociedade. A hegemonia tem caráter contraditório, pois, quando uma classe é a detentora hegemônica da situação, a outra dispõe de maiores possibilidades de se organizar e transformar-se em força política autônoma. Para que haja hegemonia da sociedade é necessário a união entre teoria e ação, eliminando-se a separação entre a concepção e a execução do trabalho.

É neste sentido que a autora defende a necessidade do domínio pela classe trabalhadora, do conteúdo do trabalho desenvolvido pelo capitalismo e considera, imprescindível, o desenvolvimento da consciência da classe trabalhadora.

Repensando a relação educação e trabalho, a autora constata que as relações de trabalho na fábrica evidenciam um processo de afirmação/negação do saber do operário em função da valorização do capital.

A partir daí, questiona: o operário participa da elaboração do saber social? Existe um saber próprio do operário distinto do saber dominante?

Discute a questão do saber fundamentada em Marx, e conclui: "...se o conhecimento é, portanto, elaborado socialmente a partir do trabalho dos homens que estabelecem relações entre si na produção da existência, processo pelo qual se constitui a sua consciência, é inegável o fato de que o operário produz conhecimento" (p.183).

Retomando as investigações empíricas, a autora coloca que as estratégias administrativas utilizadas pela empresa têm, contraditoriamente, ensinado ao trabalhador a exercer seus direitos de cidadão através do respeito aos seus direitos fundamentais. E enquanto não houver a generalização da simplificação do trabalho na empresa, a independência do capital em relação à qualificação profissional é relativa. Defende que, para aquelas tarefas em que é requisitado o domínio sobre seu conteúdo, o trabalhador apresenta um maior controle sobre seu trabalho.

Considera, portanto, fundamental que o trabalhador tenha acesso aos instrumentos teórico-metodológicos e ao saber produzido socialmente para que possa compreender as relações sociais e superar sua situação de classe. Para isso, compete à classe trabalhadora, com o apoio dos intelectuais progressistas e orgânicos, a conquista deste saber. A escola seria uma das alternativas para a superação da parcialização e fragmentação do saber.

O trabalho sobre a Pedagogia da Fábrica é oportuno e significativo para os profissionais de educação interessados na discussão sobre as relações de produção e a educação do trabalhador. No entanto, questiona-se: como admitir que o trabalhador possa exercer seus direitos de cidadão a partir do tratamento dispensado pela empresa? Pelas constatações empíricas, este tratamento tem desmobilizado a classe trabalhadora e camuflado as relações de exploração. O depoimento de um dos operários demonstra esta questão. "Procuro sempre a assistente social para resolver meus problemas pessoais; ela é uma mãe para as coisas certas, só não faz o impossível" (p.112).

Como o trabalhador, dominando a ciência incorporada ao processo de produção, pode interferir nas decisões e até dirigir o trabalho? Como fica a questão do aumento da produtividade, em função da extração da mais-valia, se o trabalhador passa a pensar sobre a concepção do seu trabalho?

A argumentação teórica indica que o fundamental para o trabalhador é detectar os elementos que lhe possibilitam a compreensão da realidade concreta com sua condição de classe e as possibilidades da superação

da divisão existente na sociedade. E é inserido no movimento deste concreto que o trabalhador (como elemento da classe revolucionária) agirá no sentido da transformação. Admitir a escola como a alternativa para a superação da parcialização e fragmentação do saber, não é negar este movimento?